

guintos porque o mundo dentro do qual estou se apresenta como se apresenta? Esta pergunta, embora aparentemente sofisticada, (já que a maioria dos homens não formula durante os seus afazeres cotidianos), é, na realidade, ingênua no extremo. É verdade que o homem totalmente ingênuo aceita sem crítica e sem curiosidade de como sendo reais todos os dados que encontra, e como sendo evidentes todas as relações entre esses dados. Mas o homem totalmente ingênuo não existe, é um feticço, e possivelmente até uma contradição de termos. A pergunta que fazemos e tentamos hoje é de uma ingenuidade de segundo grau; é fruto de uma dúvida, mas simultaneamente uma expressão de uma fé fundamental. Não tratarei hoje da dúvida que precedeu a nossa pergunta. Este será o tema da próxima quarta-feira. Tratarei da fé fundamental que se expressa na nossa pergunta. A ingenuidade, e portanto a autenticidade, da nossa pergunta formará o ponto de partida da nossa excursão para dentro do território da língua.

Porque o mundo dentro do qual estou se apresenta como se apresenta? A pergunta e a expressão da fé na situação fundamental seguinte há o eu e há o mundo e há uma dupla relação entre eu e mundo; eu estou dentro do mundo, e o mundo se apresenta a mim. Uma consideração, mesmo superficial, dessa situação fundamental revela a sua impossibilidade. As duas relações entre eu e mundo que ela estabelece são logicamente incompatíveis. Na primeira relação: "eu estou no mundo" o mundo é o ambiente de qual o eu é membro. Na segunda relação: "o mundo se apresenta para mim" o mundo é membro da classe eu, embora talvez o único membro. A situação fundamental é portanto problemática do ponto de vista da lógica formal e desconfiada que a análise logicista demonstrará nesta situação fundamental um novo barulho sem significado. Dizer que eu estou no mundo e o mundo se apresenta para mim é provavelmente equivalente, em significado, ao grunhir de um porco. Mas a fé na situação expressa nesta frase não é abelada por essa análise impiedosa. É peremptoriamente o seguinte: o grunhir do porco é a expressão da autenticidade real; e a nossa frase é a expressão da nossa autenticidade. Mas, embora sendo equivalentes na duas expressões em significado, a nossa, sendo frase, é analisável e não o sendo o grunhido do porco. O logicismo não aprecia suficientemente essa diferença, e isto o torna tão pouco existencialmente. É aventureiro, ainda, afirmar que a incompatibilidade entre as duas relações que a nossa frase estabelece é o motivo principal daquela discussão chamada "filosofia ocidental". As duas relações incompatíveis, a saber: "eu estou no mundo" e "o mundo está em mim" são ambientes, (Bereich) dentro do qual o pensamento ocidental opera. O pensamento ocidental é a tentativa frustrada, portanto absurda, de unificar as duas relações incompatíveis. Logicamente pode não passar de barulho, mas possui a sua própria clareza intelectual que respigamos. Uma análise da situação fundamental impõe, portanto, não um método lógico, mas um método existencial, bem sucedida.

Repitamos a pergunta: Porque o mundo, dentro do qual estou, se apresenta como se apresenta? Trata-se, com efeito, de duas afirmativas e uma pergunta. Estou dentro do mundo. O mundo se apresenta para mim. Porquê se dá isto? Na primeira afirmativa a palavra "eu" é sujeito, e a palavra "mundo" é objeto da frase. Na segunda os papéis se invertem. Os dois predicados são dois verbos diferentes: "estar" e "apresentar-se". Como estruturas, as duas frases são semelhantes. Podemos dizer que são duas afirmativas estruturalmente congruentes, embora provavelmente logicamente incongruentes. As duas afirmativas têm a mesma estrutura. Considero grosso modo: de um sujeito, um objeto, e um predicado que se une. A pergunta "Porque se dá isto?" é compreendida como pergunta sobre a relação das duas afirmativas e responde-se provavelmente: Porque estas são as condições frases que ocorrem na língua de tipo flexional e de uma indogermânica. Em hebraico, língua flexional de outro ramo, a "Gestalt" está ligeiramente diferente. Falta o predicado. "Eu estou no mundo", "olha o mundo está", embora logicamente equivalentes à situação fundamental indogermânica, são estruturalmente ligeiramente diferentes. São dois barulhos diferentes, não são autenticamente diferentes (nem diferentemente), mas também estruturalmente. O logicismo ignora esta diferença. O hebraico e problema fundamental do pensamento filosófico é diferente do nome. O conteúdo, língua isolante, estrutura das duas frases é diferente.

o objeto nem predicado). Talvez até as duas afirmativas ~~se~~ indistintamente uma
outra, já que consistem dos mesmos ideogramas. Em todo caso a pergunta que a
compenha as nossas duas afirmativas não se impõe em cantões. O problema funda-
mental do pensamento filosófico ocidental não ocorre em cantões. O problema funda-
do é resultado daquilo que chamamos "razão discursiva". Não existindo discurso
em nosso sentido do termo em cantões, o problema não surge. Se surge algo que es-
tamos tentados a interpretar como semelhante ao nosso problema, esse algo não é a-
cançável pela nossa razão discursiva. A especulação oriental que chamamos, por
relelismo, de "filosófica", é-nos categoricamente vedada, e os nossos esforços de
participar dela são inautênticos. Sob análise lógica, o argumento cantões é em
do equivalente ao grunhido do porco. Não é logicamente analisável. Mais uma dis-
tinção que o logicismo não faz.

As a pergunta "Porquê se dá isto?" não é normalmente uma pergunta que indaga a
"Gestalt" das duas afirmativas, mas o seu significado. Coloca-se em outra camada
de linguagem. Se pergunto: "Porque o mundo dentro do qual estou se apresenta como
se apresenta?" não quero saber porque "o mundo" é sujeito, e "eu" objeto da frase.
Pelo menos não o quero saber ostentivamente, embora talvez seja isto o único au-
têntico significado da minha pergunta. (De passagem seja dito que uma das inten-
ções destas conferências é justamente mostrar que a pergunta é autêntica somente
nessa camada). O que pergunto ostentivamente é o significado da frase "o mundo
dentro do qual estou se apresenta desta ou daquela maneira". Deixemos de lado, no
estágio embrionário da discussão no qual nos encontramos, o significado do termo
"significado" e consideremos a forma ostentativa de nossa pergunta. A pergunta in-
daga: "O que significa a frase "eu estou no mundo" e o que significa a frase "o mun-
do se apresenta a mim"? É evidente que esta pergunta só encontrará resposta se
das as palavras que ocorrem nas duas afirmativas forem a ela submetidas. A frase
"eu estou no mundo" só adquire um significado (qualquer que seja o sentido do tēr-
mo "significado") se conseguirmos estabelecer o significado das palavras "eu", "es-
tou", "no" e "mundo". Há, é claro, um meio fácil de estabelecer esse significado. É
só recorrer a um Dicionário da Língua Portuguesa. Mas este recurso é profunden-
te insatisfatório para quem, como a maioria, espera por uma resposta epistemológi-
camente válida, no sentido comum da palavra "epistemologia". Vejamos, por exemp-
lo, a frase hebráica equivalente: "Ani ba'alam". Nela não há verbo. Com que di-
reito podemos afirmar que ela tem o mesmo significado da frase portuguesa? O Di-
cionário não nos dá este direito. Mas não precisamos ir tão longe. Vejamos a
frase alemã equivalente "Ich bin in der Welt", aliás uma frase fundamental da esp-
culação existencial alemã. O Dicionário me esclarece que a palavra "estou" não é
equivalente à palavra "bin". Portanto o significado da frase alemã difere do da
portuguesa. A segunda afirmativa contém o verbo português "apresentar-se", cuja
tradução para alemão é "sich vorstellen". Mas o Dicionário me esclarece que os
dois significados não são equivalentes. Devemos portanto concluir que o problema
básico do pensamento filosófico ocidental tem um significado diferente em portu-
guês e em alemão. E isto é o que realmente ocorre.

Afirmo que o pensamento ocidental opila entre os polos "estou no mundo" e "o mun-
do se apresenta para mim". Agora estou afirmando que estes polos significam algo
diferente em português e alemão. Antes de analisar o impacto dessas duas afirma-
tivas quero ilustrar a veracidade da segunda. O verbo "estar", predicado da pri-
meira frase portuguesa, não encontra paralelo em alemão. A língua alemã é inca-
paz da sutil análise ontológica, que o português estabelece ao distinguir entre
"sou ~~no mundo~~", "~~estou no mundo~~" e "~~eu fico no mundo~~". A frase "ich bin in
der Welt" significa aproximadamente as três situações portuguesas. Creio que fi-
co dispensado de maiores provas quanto à enorme diferença ontológica e, (porque não
dizê-las?) teológica entre as três frases portuguesas, todas elas confundidas em a-
lemão. Toda a especulação alemã que parte do conceito "In-der-Welt-sein" (Ser, ou
Estar, ou Ficar-no-mundo) carece de grande parte do seu significado, se traduzida
para o português. Uma especulação portuguesa paralela seria, se estabelecida, mu-
to mais sutil, nas seria intraduzível para o alemão. O verbo "sich vorstellen",
predicado da segunda frase alemã, não encontra equivalente na língua portuguesa.
É uma palavra ontologicamente muito mais profunda que o verbo português "apresen-
tar". Na frase "o mundo se apresenta" proclama a palavra alemã a ilusão do mundo
e proclama ainda ser o mundo um obstáculo anteposto à realidade. Simultaneamente
afirma que essa realidade tapada pelo mundo se introduz a mim por este mesmo mun-
do. Este profundo significado da palavra "vorstellen" domina grande parte da es-

Artigo de A. A. A. A.

em novo seu pensamento quando...
do pensamento... Schopenhauer o seu triunfo. A sua obra "Die Welt
de e como Representação", desajeitadamente traduzida por "O mundo como vonta
cidental em sua oscilação entre os dois polos mencionados, é autenticamente im
pensável em português. O pensamento alemão opera com categorias em parte alhe
diferente nas duas línguas. O problema fundamental do pensamento ocidental é
Consideremos o impacto dessa constatação sobre a nossa apreciação daquilo que es
tamos acostumados a chamar de "realidade". Em outras palavras, consideremos o
impacto dessa constatação sobre a nossa ontologia. O pensamento ocidental inocen
te do papel das línguas indogermânicas na formulação do seu problema fundamental,
ocila entre duas ontologias. Uma afirma a realidade do mundo e a realidade secur
dária minha, consequência do meu estar no mundo. A outra afirma a minha realida
de, e a realidade secundária do mundo, consequência do seu apresentar-se a mim. A
oscilação do pensamento entre as duas ontologias torna duvidosas a ambas. Os gran
des edifícios intelectuais construídos pelos pensadores são tentativas de superar
essa dubiosidade. ~~Os dois maiores exemplos desses edifícios são o platonismo e o~~
~~hegelianismo.~~ Podemos, grosso modo, chamar a posição que aceita o mundo co
mo realidade primeira ~~como~~ posição empírica, e a posição que aceita o eu como re
alidade primeira ~~como~~ posição racionalista. Mas, tornado consciente o papel das
diversas línguas na formulação de ambas estas posições, ambas se desfazem. A ple
na apreciação do aspecto linguística das duas posições, (e de todas as posições
intermediárias), desvenda a sua ingenuidade. A apreciação do aspecto linguístico
dos problemas ontológicos acaba com a nossa ingenuidade ontológica. Mata a nossa
fé na realidade como em algo conhecível, isto é discursível, qualquer que seja a
nossa concepção de realidade. A simples constatação da diferença entre o signifi
ficado português e alemão das duas afirmativas fundamentais da ontologia ociden
tal perpetra esse assassinato. Doravante o oscilar entre os dois polos que é o pro
cesso do pensamento ocidental perde todo significado. É preciso, daqui em diante
reformular basicamente todo o problema ontológico, sob pena de interromper o pro
cesso do pensamento ocidental. É preciso formular uma ontologia da língua em ge
ral, e das diversas línguas indogermânicas em particular. Esta necessidade im
plica um sacrifício intelectual enorme. Equivale a uma capitulação do intelecto
como instrumento para a pesquisa da realidade. O intelecto demonstra estar fecha
do sobre si mesmo. E equivale ainda ao abandono da universalidade do intelecto.
O intelecto demonstra estar fechado dentro da língua que lhe é particular. É com
preensível que não estejamos dispostos a sacrificar a nossa fé numa realidade ex
tra-linguística sem tentar defendê-la. É compreensível que estejamos dispostos a
lutar pela nossa ingenuidade ameaçada pela apreciação da língua. Há algo de dia
bólico, de destrutivo e negativo nessa dúvida que a apreciação da língua provoca.
É compreensível, e é louvável, que contra ela nos insurgamos. Vejamos, portanto,
se conseguimos salvar algo da nossa fé ameaçada.
Essa tentativa deverá basear-se, evidentemente, sobre as semelhanças que indubit
avelmente existem entre os significados das frases portuguesas e alemãs. Tenta
remos salientar essas semelhanças, e minimalizar as diferenças. Tentaremos afir
mar que as semelhanças dizem respeito à realidade extra-linguística, e que as di
ferenças são acidentes linguísticos desprezíveis. Mas, é preciso confessá-lo lo
go, essas tentativas são destinadas ao malogro. As semelhanças que existem entre
as frases portuguesas e alemãs, semelhanças estruturais e, em menor grau, seme
lhanças semânticas, não são devidas a alguma realidade extra-linguística, mas ao
parentesco entre as duas línguas. As frases portuguesas e hebraicas apresentam
semelhanças muito mais atenuadas. As frases portuguesas e o seu equivalente em
cantonês, (já que não temos direito de falar em "frases" nesse tipo de língua) não
apresentam semelhança alguma. A contemplação das diversas línguas não nos auto
riza a afirmar qualquer correspondência fundamental entre elas, portanto qualquer
correspondência de um suposto substrato universal linguístico com uma suposta re
alidade linguística extra-linguística. Se identificarmos intelecto com língua,
(identificação essa que se imporá pelos argumentos a serem apresentados no curso
destas conferências), deveremos portanto abrir mão definitivamente de uma adequa
ção entre realidade e intelecto. E mesmo se, providamente, nos recusarmos a
identificar intelecto com língua, deveremos abrir mão de uma adequação entre re
alidade e razão discursiva que esta, depois desta contemplação, é tão somen
te e sinónimo daquilo que a filosofia tradicional chama de "ser".

...como "Bebresnacogo" ... "geas" ... "o den" ...
...diversas línguas entre si. O que resta é tão
o esforço de tradução entre as diversas línguas. É preciso confessar que
lidade extra-lingüística não é discursível, e que se impõe, portanto, a eli-
ção desse pseudo-conceito da discussão que é a filosofia. E é preciso confes-
ainda que o conhecível, o discursível, é diferente de língua para língua e que
tanto o campo da teoria do conhecimento é o campo da tradução entre línguas. E
epistemologia e teoria da tradução são sinónimos deste ponto de vista.
É claro que podemos fugir a esta conclusão num esforço desesperado de salvar a nos-
sa fé na realidade. Mas estas fugas significam o abandono do intelecto. Podemos
precipitarnos no misticismo mudo e professar o contato imediato entre espírito e
realidade, a união mística não discursiva. O misticismo é um empirismo que abriu
não do intelecto, e uma corrente do logicismo, chamada "neo-positivismo" o escolheu.
Podemos ainda refugiar-nos na tautologia dos símbolos da lógica matemática
e, embora negando qualquer significado extra-lingüística a estes símbolos, girar
eternamente nessas equações que se reduzem a zero. A lógica simbólica é um racio-
nalismo inimigo do intelecto, porque nega o seu poder criador, e uma outra corren-
te logicista escolheu este caminho. Mas creio que ambas estas fugas são inautên-
ticas existencialmente. Ambas degradam o intelecto numa tentativa desesperada de
salvar a fé; o neo-positivismo o faz abertamente, o simbolismo lógico subreptici-
amente. Porém o intelecto não precisa ser degradado somente porque está fechado
sobre si mesmo e dentro da língua que lhe é própria. Este estar fechado não im-
plica sua tautologia. O intelecto, embora fechado, é produtivo. A produtividade
de intelectual é o campo da atividade humana. Nele reside a dignidade humana. O
logicismo é cego e face a essa produtividade. E por causa disto que o logicismo
precisa ser superado, o anti-intelectualismo deve ser evitado, e a discussão fi-
losófica deve continuar, embora ciente de sua limitação pelas diversas línguas nas
quais se desenvolve.

A luz da discussão precedente tornou-se evidente, conforme esperó, que o concei-
to "ontologia" precisa ser reformulado, e que o conceito "epistemologia" é sinóni-
mo do conceito da "teoria da tradução". Relego a discussão ontológica para confe-
rências futuras. Passo a considerar o aspecto epistemológico dos resultados até
agora alcançados. O problema do conhecimento é, na filosofia tradicional, um pro-
blema da adequação do intelecto à realidade. Neste contexto é o problema do co-
nhecimento um problema de adequação entre línguas. O problema do conhecimento en-
volve o conceito "categorias". A filosofia tradicional estabelece a adequação en-
tre intelecto e realidade categoricamente. Do ponto de vista empirista são as
categorias a estrutura que a realidade imprime sobre o intelecto. Do ponto de
vista racionalista são as categorias a estrutura que o intelecto imprime sobre
a aparência, sobre o mundo fenomenal. Há posições intermediárias, que pressupõem
tanto categorias reais como categorias do conhecimento. A filosofia tradicional
não chegou nunca a um acôrdo quanto ao sistema de categorias, e todo filósofo que
se preza estabelece o seu próprio sistema. A luz da presente argumentação toda
essa eterna discussão demonstra ser ôca. Aquilo que a filosofia tradicional cha-
ma de "categorias de conhecimento" é na realidade a estrutura da língua do respec-
tivo pensador, mais ou menos bem articulada por êle. E aquilo que a filosofia
tradicional chama de "categorias da realidade" é, com efeito, a mesma estrutura da
língua projetada inconscientemente para dentro de uma suposta realidade extra-
lingüística pelo respetivo pensador. Aristóteles, aquêle portanto que introduziu o
conceito "categoria" na discussão filosófica, era quase consciente deste fato. A
palavra "categoria" significava, originalmente, algo parecido com "estrutura da frá-
se". Da frase grega no caso de Aristóteles, bem entendido. Aristoteles sabia
que o seu sistema categorial era, com efeito, uma gramática da língua grega. A
discussão posterior, banhada em traduções mais ou menos destorcidas, se esqueceu
disto. A nossa redefinição de epistemologia como teoria da tradução, e do conhe-
cimento como adequação entre línguas, recoloca o problema das categorias em seu
contexto.

Toda língua, sistema ordenado de símbolos que é, dispõe de uma estrutura de acôr-
do com a qual os seus símbolos se ordenam para formar conjuntos significativos.
portanto graças a essa estrutura que os conjuntos de símbolos se tornam signific-
tivos. Nestes conjuntos os símbolos se transformam em signos. A discussão do
significado será relegada para futuras conferências, mas já agora aparece algo do
seu caráter. Essa estrutura de cada língua, vulgarmente chamada de "gramática",
é sinónimo daquilo que a filosofia tradicional chama de "sistema categorial". A
é a estrutura da língua.

... O dia... e 190/...

... diversas línguas, a estrutura de toda língua, aquilo por tanto que de língua para língua. Essas regras são categoricamente impostas ao pensamento. As infrações dessas regras resultam num aglomerado de símbolos sem significado intelectual, por exemplo uma realidade. São regras do jogo de pensar. A verdade que essa infração é chamada, vulgarmente, de "falácia". As regras categoricas das línguas tem um aspecto colinco que obriga a ser obediente ao fluxo e consequência de um acordo tácito. O que era lúculo ontem, um com não ser normal. As categorias de toda língua são resultado de acordos tácitos e fundamentais. De que modo, conscientes e si mesma como se apresenta? As regras categoricas de toda língua são fluidas, admitem exceções e modificam-se com o decorrer da conversação no curso dos séculos. Cada participante da conversação colabora, embora imperceptivelmente, nas suas modificações gradativas. Embora categoricas, são portanto as regras resultado de esforço conjugado dos indivíduos em conversação. Não são rígidas como as categorias da filosofia tradicional. Essa rigidez errônea das categorias tradicionais deu origem a muita confusão na filosofia sobre liberdade e determinação, conversa fiada essa superada no presente contexto. O intelecto é submetido às categorias da língua, se quiser participar da conversação, mas colabora na modificação das categorias no próprio curso da conversação. A liberdade e a determinação do intelecto são dados por essa circunstância. Este aspecto ético da estrutura da língua será o tema de uma conferência futura.

As línguas indogermânicas, portanto o ambiente dentro do qual a quase totalidade do pensamento ocidental se desenvolveu, (exceção feita à especulação árabe e judaica da Idade Média), dispõem de estruturas muito semelhantes. Este fato mascarou até bem recentemente, as diferenças entre elas existentes e perpetuou a discussão filosófica das supostas "categorias do conhecimento". Com efeito, essa discussão não se limitou, praticamente, ao grego, ao latim, às línguas descendentes do latim, e, ultimamente, a algumas línguas germânicas, portanto a línguas que pertencem, todas, ao ramo "kentum" da família indogermânica. Confesso que o fato de ser a minha língua materna uma língua eslava, portanto pertencente ao ramo "satem" da mesma família, contribuiu para que a relatividade das categorias se torne mais evidente à minha mente. Embora semelhantes, entretanto, têm essas estruturas diferenças marcantes. Por exemplo, todas elas dispõem da categoria "tempo", isto é, de regras que regem a conjugação dos verbos. E essas regras são muito semelhantes entre as línguas do ramo "kentum", embora bem diferentes para as línguas do ramo "satem". Mas a comparação do futuro português e inglês, por exemplo, ilustra bem a diferença entre as duas categorias supostamente idênticas. É evidente que "vou fazer" e "I shall do" não representam a mesma categoria, já que "vou" e "shall" não são equivalentes. Uma epistemologia como teoria da tradução terá que se haver com este tipo de problemas. Descobrirá não somente que as categorias supostamente idênticas são ligeiramente, ou mais que ligeiramente diferentes entre línguas muito próximas, mas ainda que certas categorias de uma língua faltam em outra. Isto explica a impossibilidade de um acordo entre os filósofos tradicionais quanto a um suposto sistema categorial universalmente válido. Espro ter oportunidade, em futuras conferências, de exemplificar as divergências categoricas entre línguas. Esses exemplos são de um atrativo irresistível para o intelecto, atrativo acompanhado de um sentimento de ridicularidade eufórica. Esse atrativo e esse sentimento são provas que o intelecto se sente em posição superior, irônica, face à língua no curso da tradução. Com efeito, a tradução é a única possibilidade intelectual da superação de uma língua, embora não da língua "tout court". Traduzindo estamos a lachando, embora não quebrando, as algemas das categorias que ajudamos, nós próprios, a forjar. Novamente surge, em nossa discussão, o aspecto ético da língua e preciso esforçar-me por suprimi-lo por razões da sistematização destas conferências. Quero dizer em conclusão que a epistemologia como teoria de tradução tem um campo enorme e fértil em sua frente, mesmo se limitada às línguas indogermânicas e contribuirá, poderosamente, para a eliminação de muitos pseudo-problemas da discussão filosófica futura.

... ponto de partida para ...
do qual estou se apresenta como se apresenta? Essa per-
discursiva somente se formos definir "eu" como "intelecto". ~~Se~~ Reservo-
a prova dessa afirmativa para futuras conferências. Peço aos senhores que acei-
tem, por enquanto, essa definição do "eu" como hipótese operante. Assim defini-
do o conceito "eu", portanto reduzido em seu escopo habitual, passo a responder
a pergunta. O mundo no qual estou é a língua a qual penso. Dizer que eu estou
no mundo ou que o mundo está em mim é portanto somente uma maneira um tanto ta-
Mexata de articular em duas frases aparentemente contraditórias a seguinte frase
correta: a língua é, como sujeito, sinônimo de "eu" e como objeto, sinônimo de
"mundo". Se a língua é sujeito ou objeto depende das regras gramaticais que re-
gem uma dada frase. Eu estou no mundo e O mundo está em mim são portanto, ambas
tautologias. Dizem ambas, com efeito, : a língua está na língua. A pergunta re-
formulada deve rezar: porque a língua se apresenta a si mesma como se apresenta?
Ou melhor: porque a língua se processa como se processa? A resposta é: Porque
obedece a regras que cada língua estabelece para si mesma. Esta resposta pode
não ser muito satisfatória, à primeira vista, para espíritos sedentos de conhe-
cimento absoluto. Mas não é tão frustrante como aparece à primeira vista. De-
dicarei, as conferências futuras à destruição do sentimento de frustração que a
resposta pode ter causado nas suas mentes.